

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTE – ICHCA  
CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

**O CANGAÇO NORDESTINO A PARTIR DA ANÁLISE DE VIRGULINO FERREIRA DA  
SILVA “O LAMPIÃO”**

MACEIÓ  
2021

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

**O CANGAÇO NORDESTINO A PARTIR DA ANÁLISE DE VIRGULINO FERREIRA DA  
SILVA, "O LAMPIÃO"**

Trabalho apresentado na conclusão do curso  
de graduação "licenciatura em História" da  
Universidade Federal de Alagoas.

Orientador: Professor Especialista  
José Roberto Santos Lima

MACEIÓ  
2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**

Bibliotecário: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

S237c Santos, Carlos Alberto dos.  
O cangaço nordestino a partir da análise de Virgulino Ferreira da Silva, “o  
Lampião” / Carlos Alberto da Silva. – 2021.

45 f.: il.

Orientador: José Roberto Santos Lima.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em História :  
Licenciatura) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes,  
Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Alagoas,  
Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 45.

1. Cangaço – Nordeste - Brasil. 2. Coronelismo. 3. Fragilidade da justiça. 4.  
Seca. 5. Latifúndio. I. Lima, José Roberto Santos. II. Título.

CDU: 981.074

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

**O CANGAÇO NORDESTINO A PARTIR DA ANÁLISE DE VIRGULINO FERREIRA DA  
SILVA," O LAMPIÃO"**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Coordenação do Curso de  
História da Universidade Federal de Alagoas  
e aprovado no dia 21 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora

---

Professor Esp. José Roberto Santos Lima

---

Professor Dr. Alberto Vivar Flores

---

Professor José Roberto Gomes da Silva

Dedico esse trabalho a nossa querida UFAL  
que durante décadas vem transformando  
milhares de vidas através do conhecimento...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus autor da vida, ao meu pai Geraldo Tomé um cearense de 94 anos (em memória) que também contribuiu com esse trabalho relatando alguns fatos da época o que me deu um norte para desenvolver esse tema.

A minha Esposa Eliane e minhas quatro filhas, Carllyane, Carla Emelly, Sthefane e Kézia que foram pacientes comigo durante esses quase cinco anos.

Sem esquecer o nobre professor José Roberto Santos Lima o nosso querido Robertinho, que de forma brilhante me conduziu no desenvolvimento desse tema, não só me orientando, mas fornecendo boa parte do material utilizados na confecção deste trabalho acadêmico.

*Vou contar uma história, por favor, presta  
atenção  
A briga que teve o diabo, no inferno com  
Lampião  
Abalou todo universo, que saiu fogo do chão.*

Literatura de Cordel: Autor Davi Teixe

## RESUMO

O cangaço foi um movimento social violento que existiu no Sertão nordestino por quase um século, teve o seu auge nos nas três primeiras décadas do século XX, com maior intensidade nas décadas de vinte e trinta, com a presença do seu mais habilidoso líder, a saber, o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, o “Lampião”. O presente trabalho possui o foco em analisar o cangaço nordestino, centralizando os estudos em um dos maiores ícones desse período, além de discorrer as peculiaridades que motivaram um estado de revolta em homens, que até então levavam uma vida comum, envolvidos com os trabalhos do campo naquela região. Foi realizado um estudo bibliográfico, analisando uma diversidade de obras renomadas que discorrem sobre o movimento cangaceirista, além de diversos relatos de pessoas que estiveram presentes na época desses acontecimentos. O trabalho irá apresentar pontos importantes e relevantes sobre o movimento cangaceirista, sendo discutidos em alguns temas, como, o seu surgimento, que normalmente está ligado à situação social, predominância do coronelismo era forte nesse período, onde a grande maioria das pessoas viviam na pobreza extrema, sem instrução, sem Terra para produzir sua própria subsistência, viviam a mercê desses grandes latifundiários, “coronéis”, que além de possuírem as terras, também ocupavam os cargos públicos mais importantes do período. Uma questão que será bastante discutida é em relação à ausência do poder público era, sem dúvida, também um fator contribuinte para o avanço das práticas cangaceiristas, os jovens desde cedo eram arrastados para esse movimento, pois viam no cangaço, uma forma de lutar contra aquele sistema opressor de igual para igual. Outro tópico apresentado será a importância literária de Virgulino Ferreira da Silva em relação ao cangaço, sendo esse um dos pontos mais importantes deste trabalho, visto que, Virgulino foi um dos ícones mais conhecidos do cangaço, trazendo grandes mudanças para o movimento. Uma dessas mudanças se apresenta na presença feminina, por volta de 1930, Lampião introduziu no seio do bando a jovem Maria bonita, dando margem para os demais cangaceiros também trazerem suas companheiras. A presença feminina reduziu drasticamente as práticas de estupros que eram constantes no mundo cangaceiristas. Além dessas questões, também será trabalhado as questões religiosa dentro do cangaço, visto que, apesar da violência praticada por eles, tinham um extremo respeito pelos Santos católicos. Em suma, o trabalho irá trazer alguns questionamentos em relação as praticas cangaceiristas e a posição do estado frente a essas praticas.

Palavras - chaves: **Latifúndio, secas, fragilidade da justiça, coronelismo e cangaço**

## ABSTRACT

The cangaço was a violent social movement that existed in the northeastern hinterland for almost a century, it had its heyday in the first three decades of the twentieth century, with the presence of its most skilled leader, the saber, the cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, the " Lamp". The work has the focus on northeastern cangaço studies, centralizing the studies on one of the greatest icons of this period, in addition to discussing the peculiarities that motivated a state of revolt in men, who until then lead a common life, involved with the field work in that period. region. A study of renowned bibliographic works on the cangaceirista movement was carried out, as well as several reports of people of diversity who present a time of these events. The work will present important and relevant points about the cangaceira movement, being discussed in themes, such as, linked to their situation, which is usually in a stronger situation, the predominance of coronelismo was in that period they lived, where the vast majority of people go in extreme poverty, without education, without land to produce their own subsistence, they lived at the mercy of these large estates, "coronels", who in addition to owning land, also occupied the most important public charges of the period. An issue that will be widely discussed is in relation to the absence of public power, it was, without a doubt, also a contributing factor to the advancement of cangaceira practices, young people from an early age were dragged into this movement, as they saw in the cangaço, a way to fight against that oppressive system of equals. Another topic presented will be the literary importance of Virgulino Ferreira da Silva in relation to the cangaço, which is one of the most important points of this work, since Virgulino was one of the best known icons of the cangaço, bringing great changes to the movement. One of these changes is presented in the female presence, around 1930, Lampião introduced the young beautiful Maria into the bosom of the band, giving room for the other cangaceiros to also bring their companions. The female presence drastically reduced the rape practices that were constant in the cangaceira world. In addition to these issues, the religious issues within the cangaço will also be worked on, since, despite the violence practiced by them, they had an extreme respect for the Catholic Saints. In short, the work will bring up some questions regarding the cangaceira practices and the state's position in relation to these practices.

Keywords: Latifundium, droughts, fragility of justice, coronelismo and cangaço

## SUMÁRIO

<b>INTRUDUÇÃO</b> .....	8
<b>Cap I - Cangaço: Como tudo começou?</b> .....	10
Os diversos tipos de cangaceiros .....	13
Os Retirantes .....	13
Os Jagunço.....	15
Os Independentes.....	16
O modo de vida dos Cangaceiros .....	19
<b>CAP II - O Jovem Virgulino</b> .....	23
A importância literária de Virgulino Ferreira da Silva em relação ao cangaço....	26
Entrada para o Cangaço.....	26
O lado Sombrio de Virgulino.....	28
A morte de Lampião e o fim do Cangaço .....	31
<b>CAP III - A IMPORTANCIA DA MULHER NA HISTÓRIA DO CANGAÇO</b> .....	32
Maria Bonita, a primeira mulher no Cangaço.....	35
<b>CAP IV - CORISCO: UM ALAGOANO NO CANGAÇO</b> .....	33
A entrada no Cangaço .....	33
<b>CAP V - A VIDA RELIGIOSA DOS CANGACEIRO.</b> .....	40
<b>CONCLUSÃO</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar o cangaço no sertão nordestino, mais precisamente nas décadas de vinte e trinta do século passado, tomando como foco principal a ascensão de um dos líderes mais populares desse período, e que marcou de uma forma intensa a história do nosso sertão. Temos o objetivo de discorrer as peculiaridades que motivaram um estado de revolta em homens, que até então levavam uma vida comum, envolvidos com os trabalhos do campo naquela região.

Analisando diversas obras de autores renomados como: Carlos Alberto Dória (1981) Rui Facó (1983), Manoel Diegues Júnior (2012), Frederico Pernambucano de Mello (2014) e outros, chegamos a conclusão que os relatos obtidos pelos escritores nas mais diferentes obras mudam de natureza, principalmente das fontes orais tendo em vistas os últimos acontecimentos na primeira metade do século XX, o que possibilitou aos pesquisadores obterem uma variedade de relatos com pessoas que na maioria das vezes presenciaram, e até mesmo, estiveram envolvidas diretamente nesses acontecimentos.

A justificativa para às diferentes falas seria o envolvimento emocional dos entrevistados, alguns por serem parentes dos cangaceiros, outros por terem sido em algum momento beneficiados pelo movimento cangaceirista ou simplesmente por serem conterrâneos de algum cangaceiro. Em contrapartida vem os relatos dos que faziam parte das volantes ou parentes dos mesmos, e/ou de pessoas que foram vítimas ou perseguidas pelos cangaceiros e que obviamente enxergavam os fatos com outros olhos.

Para uma melhor compreensão do tema cangaço, se faz necessário analisarmos os principais grupos de pessoas que estavam envolvidos em todo esse enredo. A questão das secas sazonais que tinham impacto profundo sobre grande parte das populações do sertão do Nordeste, principalmente sobre a maior parte, a mais pobre e vulnerável em que todos eram impactados por ela em maior ou menor grau, a depender da capacidade de cada uma dessas pessoas ou grupo sociais dentro do contexto de cada situação vivencial. O primeiro grupo seriam os Coronéis donos de grandes propriedades e na maioria das vezes também faziam parte da política e da polícia local, esses oprimiam as famílias mais pobres mantendo-as na condição de semi-escravos, esse era um dos principais fatores que obrigava a alguns jovens a verem no cangaço uma oportunidade de fugir dessa situação ou integrasse a eles na

condição de capangas; o segundo grupo seria os coiteiros, eram aqueles que davam apoio aos cangaceiros, em alguns casos, os próprios coronéis assumiam esse papel; o terceiro grupo seria as volantes, uma espécie de polícia cuja finalidade principal era caçar cangaceiro; o quarto grupo seria os próprios cangaceiros, que seria uma espécie de resultado de toda a situação social da época.

No primeiro momento irei me distanciar um pouco do recorte temporal adentrando à segunda metade do século XVIII. Observando os primeiros indícios de jagunços andarilhos que já praticavam atrocidades típicas dos cangaceiros do século XX, e que com o passar do tempo, essas práticas apenas se reproduziram e se aperfeiçoavam. Este tipo de cangaceiro foi pela primeira vez citado numa obra literária de autoria Franklin Távora quando na sua obra faz referência a existência de um cangaceiro por nome O Cabeleira que passou a ser o principal personagem da sua obra literária, assim como Raquel de Queiróz vai escrever a sua obra “Os Cangaceiros” inaugurando uma nova etapa dentro da história do movimento regionalista.

Pretendo ainda analisar a participação da mulher no cangaço a partir de 1929/30. Irei relatar também uma rápida abordagem sobre a religiosidade dos cangaceiros, pois apesar do estilo de vida que levavam possuíam uma vida religiosa bastante ativa características próprias do nordestino e que a historiografia faz quase nem uma referência a este fato.

Não poderia deixar de comentar sobre a trajetória de um “dos cabras” de Lampião que mais se destacou no bando, o alagoano conhecido no cangaço pelo nome de Corisco, devido sua forma de ação no cangaço e sua aparência física; era também chamado de “Diabo Louro”. Seu nome de nascimento era: Cristino Gomes da Silva Cleto, o mesmo era uma espécie de Sub-Chefe da tropa de Lampião. Corisco fora executado quando se encontrava com sua esposa Dadá em uma embosca no dia 25 de maio de 1940, no Estado da Bahia na cidade de Barra do Mendes em um povoado denominado Fazenda Pacheco, Dadá sobreviveu a esse confronto, saiu com um ferimento na perna, vindo a falecer anos depois desse ocorrido. Esse confronto se deu dois anos depois da morte do líder maior e mais popular do cangaço, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião.

Optamos em fazer um recorte temporal de vinte anos, ou seja, anos vinte e anos trinta do século passado, não tendo a intenção de analisar a fundo todo processo anterior, pois, para isso precisaríamos de bastante tempo e um volume maior de material para pesquisa, e com certeza essa produção certamente se tornaria bastante

volumosa, para isso direcionamos nosso esforço em analisar as duas últimas décadas desse movimento tomando como problema de pesquisa seu personagem principal, Virgulino Ferreira da Silva o “Lampião”. Como também alegar que esse movimento foi fenômeno social e geopolítico, fruto de uma sociedade anacrônica, fora do seu tempo histórico e ter abdicado de viver ajustada às condições históricas impostas pelo capitalismo empresarial e financeiro vivendo-se como se estivesse no século XIX, mesmo sabendo que estava cronologicamente em quase meados do século XX.

Estarei analisando já nesse primeiro capítulo de forma breve os primeiros indícios do cangaço, no entanto, meu foco estará voltado para a trajetória de vida de Virgulino Ferreira da Silva o “Lampião” sua vida antes do cangaço, as motivações que o transformaram em um dos mais violentos cangaceiros da época, e ainda, sua devoção religiosa, superstição, postura de homem sério e ao mesmo tempo descontraído, amado por alguns e odiado por outros.

## Capítulo I

### CANGAÇO: COMO TUDO COMEÇOU?

O termo Cangaço vem da palavra canga (peça de madeira usada para prender junta de bois a carro ou arado (jugo) "Cangaceiro" era uma expressão pejorativa, ou seja, uma pessoa que não podia adaptar-se ao estilo de vida costeira. Essa é apenas uma das definições, pois existem outras

Gostaria de analisar neste primeiro momento as causas e o início do surgimento do Cangaço no Nordeste do Brasil, esse fenômeno tido por muitos historiadores como "movimento social," a exemplo do historiador Ericc Hobsbwal através da sua obra célebre de nome **Bandidos**. Ele faz uma discursão histórica sobre o papel desses vários personagens como Robin Hood, Lampião, Billy The Kid e vários outros personagem dentro da história de cada país, tirando-os da marginalidade como a historiografia sempre lhes atribuiu este lugar na história. Reabilitando-os a condição agora de movimento social "auto justificável" pelo seu contexto histórico gerador destas condições materiais, sociais e culturais".

Não podemos deixar de levar em conta também todo um contexto histórico, que de certa forma, estão relacionados diretamente ou indiretamente com a temática do cangaço. Seus primeiros indícios ainda no Brasil Império, na segunda metade do século XVIII adentrando pela primeira República conhecida como República das Oligarquias<sup>1</sup> ou do café-com-leite atingindo os primeiros dez anos da nova República de Getúlio Vargas, mais precisamente até os anos quarentas do século XX.

Esse fenômeno se estendeu principalmente pelos sertões nordestino, foram mais de um século de existência, e basicamente todos os estados do nordeste sofreram com às constantes violências praticadas por esses bandos de forasteiros. Um dos primeiros escritores a escrever sobre esse fenômeno foi o cearense <sup>2</sup> Franklim Távora,

---

<sup>1</sup> Modelo de governo, exercido por poucos, foi um período em que políticos dos Estados de Minas Gerais e São Paulo se revezavam na presidência da República, esse sistema perdurou até a revolução de 1930 com a ascensão do governo Vargas, dando início à nova República.

<sup>2</sup> João Franklim da Silva Távora, nascido em 13 de janeiro de 1842 em Baturité no Ceará, foi um advogado, jornalista, político, romancista e teatrólogo brasileiro. Em 1844 transferiu-se com os pais para Pernambuco, contribuiu para a reconstrução do passado pernambucano através de sua imaginação, ficção e história.

em 1876 publicou seu romance <sup>3</sup>O Cabeleira, relata sobre a ação dos primeiros líderes de cangaceiros no sertão nordestino, Joaquim e José Gomes eram pai e filho, segundo Carlos Alberto Dória em seu livro “O Cangaço”, mostra que esses foram “os primeiros elementos que por maldade natural começam a dar os primeiros indícios de práticas cangaceiristas, juntaram-se a um compadre conhecido como negro Theodósio, recrutaram mais alguns homens e começaram a devastar o sertão de Pernambuco, passando por Paraíba e Rio Grande do Norte” (DÓRIA, 1981, p. 27)

Por volta de 1834, o termo *cangaceiro* já foi usado para referir a bandos de camponeses pobres que habitavam os desertos do nordeste brasileiro, vestindo roupas de couro e chapéus, carregando carabinas, revólveres, espingadas, facas longas estreitas conhecidos como peixeiras. “Cangaceiro” era uma expressão pejorativa, ou seja, uma pessoa que não podia adaptar-se ao estilo de vida costeira. Por esta altura, naquela região, havia dois principais grupos organizados: os jagunços <sup>4</sup> mercenário que trabalhava para quem pagasse o seu preço, geralmente proprietários de terras que queriam proteger ou expandir seus limites territoriais e também lidar com os trabalhadores terras que queriam proteger ou expandir seus limites territoriais e também lidar com os trabalhadores rurais; e os cangaceiros, “bandidos sociais”, que tinham algum nível de apoio da população mais pobre: os bandidos sustentando alguns comportamentos benéficos, como atos de caridade, a compra de bens por preços mais altos e dando às partes livres (“Bailes”), e a população forneceu abrigo e as informações que os ajudou a escapar das forças policiais, conhecidos como volantes, enviados pelo governo para detê-los.

[https<sup>5</sup>](#) acesso em 23 de junho/2019

Assim, a historiografia começa a apresentar os primeiros relatos sobre o cangaço no Nordeste brasileiro, foram mais de cem anos de atuação, quando ia desaparecendo um determinado grupo, surgiam outros líderes, de dentro do próprio grupo ou fora dele, cada um com sua forma diferenciada de atuação.

Em 1940 tomba o último cangaceiro, assassinado pelas mãos das <sup>6</sup>volantes, foi o alagoano Cristino Gomes da Silva Cleto o vulgo “Corisco” morto na cidade de

---

<sup>3</sup> José Gomes, Cabeleira era apelido, normalmente quando se entrava no cangaço recebiam um apelido que era compatível com a aparência ou habilidades do sujeito.

<sup>4</sup> Ou capangas, nome que se dava no Nordeste brasileiro àquelas pessoas que viviam a serviço de algum grande proprietário de terras os chamados coronéis.

<sup>5</sup> <https://PT.wikipedia.org/wiki/canga%A7> (por essa fonte não se muito confiável, fiz a transcrição com base em outras fontes que surgirão no decorrer do trabalho)

<sup>6</sup> Eram grupos de policiais separados exclusivamente para combater os cangaceiros, na sua grande maioria eram pessoas que sofreram represarias por parte dos mesmos, revoltados coma situação e não

Jeremoabo na Bahia no dia 25 de maio de 1940, quando tentava fugir, pois tinha pretensão de abandonar o cangaço, falaremos sobre ele nos próximos capítulos deste trabalho.

Como já mencionamos acima, na primeira metade do século XVIII a historiografia mostra que já existiam práticas de banditismo no sertão nordestino, mas só no século XX é que começam a surgir grupos organizados como o de Antônio Silvino e Virgulino Ferreira, podemos dizer que entre a primeira metade do século XIX e às primeiras décadas do século XX, houve uma evolução considerável no movimento cangaceirista se distanciando dos coronéis e assumindo uma identidade própria enquanto movimento social.

Se analisarmos os movimentos ocorridos no fim do século XIX e começo do século XX, como a guerra de Canudos no Sertão da Bahia que apresentavam condições de vida bastantes precárias mais que lutavam pela sua sobrevivência de forma digna e não se sujeitavam ao poder de mando dos coronéis da região, este foi um dos fatores predeterminante para sua autodestruição pela esfera governamental Federal, Estadual e Municipal. Esse fato acontecia principalmente no Sertão, onde seres humano nem sempre se sujeitavam as amarras da escravidão ou da servidão, nem admitiam serem humilhados, mesmo que isso venha a ocorrer sempre vai resultar em revoluções e resistências. Canudos foi um grande exemplo: Bastou surgir um líder, e esse religioso! para se juntar a ele milhares de sertanejos pobres e desassistidos, Antonio Conselheiro consegue reunir em torno de si milhares de fiéis que de forma veemente combatiam a opressão sofrida por parte dos governantes. Esse movimento chegou a tomar proporções tão elevadas, que formou-se uma cidade com quase vinte mil habitantes, passando a viver, segundo a historiografia de forma quase independente produzindo sua própria subsistência, essas pessoas junto ao seu líder chegaram a formar uma linha de produção interna tão diversificada chegando a exportar produtos para outras regiões sem depender em nada do Estado. Não tardou para que o governo de forma violenta; depois de algumas tentativas frustradas dizimasse quase cem por cento da população Canudense

---

tendo como se vingar, se apresentavam como voluntários aos comandos da polícia para comporem os volantes.

Em 1893, o Conselheiro e sua gente estabeleceram-se no sertão Baiano, às margens do Rio Vaza-Barris, nas terras de uma antiga fazenda chamada Canudos. Ali começaram a construir um povoado, que inicialmente foi chamado Belo Monte e, depois, de Canudos. Os habitantes do arraial eram, em sua maioria, sertanejos pobres que fugiam aos desmandos dos Coronéis e ao desemprego, em busca de autonomia e conforto espiritual. Mas lá havia também negociantes, enfermeiros, soldados, artesãos mineradores e professores.

Os sertanejos cultivavam milho, feijão, batata e criavam cavalos e bode, cujo couro era usado para fazer vestimentas, calçado, chapéu e para comercializar com vilas e cidades da região. A autonomia da gente de Canudos, sua decisão de viver conforme a leitura da Bíblia feita por conselheiro e, sobretudo, a decisão de não pagar os novos impostos lançados pela República foram vistas como uma ameaça à ordem estabelecida. Os poderosos da região passaram a dizer que Canudos era um reduto de monarquistas fanáticos e perigosos.

Foi o que bastou para que o governo enviasse várias expedições militares contra Canudos.

*Boulos, Alfredo Junior - história sociedade & cidadania BOULOS (2019 - p 79/80)*

Estou trazendo este relato para que possamos compreender melhor o contexto histórico do cangaço, que nesse período já tinha raízes fixadas na região e alguns desses cangaceiros foram descendentes dos poucos que sobraram da chacina em Canudos, eram chamados de jagunços, “Os jagunços deram origem a outro fenômeno social importante, que foi o Cangaço.”

Partindo desse princípio, podemos afirmar que o cangaço era formado na sua maioria por pessoas de origens diversas, normalmente eram jovens que inconformados com a situação social da época viam no cangaço uma forma de se vingar do atual sistema, que oprimia sem dó às populações mais carentes. Essas pessoas quando não sofriam pelas mãos dos “coronéis” que eram os grandes proprietários de terras e que na maioria das vezes detinham também o poder político das cidades, penavam nas mãos dos volantes que segundo os estudiosos do assunto eram tão cruéis quanto os cangaceiros, não alisava ninguém principalmente quando suspeitava de que determinada família exercia o papel de coiteiros, essa pobre família era massacrada de forma cruel e violenta para dar o paradeiro dos cangaceiros. Era um passo para o surgimento de novos cangaceiros, pois alguns jovens e até mesmo adolescentes revoltados com tal situação, procuravam os líderes dos cangaceiros com intuito de tornando-se um deles, e que pudesse se vingar das atrocidades provocadas pelos volantes.

O mesmo se dava quando a violência era praticada pelos cangaceiros, alguns jovens procuravam os chefes de polícia, a fim de se alistarem nos volantes com a intenção de combater os cangaceiros, seria mais uma questão pessoal do que mesmo vocação para a função policial, esses volantes eram grupamentos de homens que comandados por um sargento ou um tenente eram “treinados” para perseguir e matar cangaceiro. De acordo com fatos históricos era uma questão de honra para esses policiais, e em alguns casos, era a garantia de uma patente a mais na carreira do militar.

## OS DIVERSOS TIPOS DE CANGACEIROS

### OS RETIRANTES

Ao analisar o cangaço precisamos observar os tipos de cangaceiros, as práticas eram semelhantes, mas os comandos eram diferentes, existiam os cangaceiros que tinham as suas origens associadas ao movimento dos retirantes ou não em função da fragilidade social vivenciada por eles denominados de “Retirantes”. Eram pequenos grupos de homens que não viviam apenas nos sertões; apenas nos períodos de secas migravam para capital a procura de condições melhores de vida e sobrevivência. Muitas vezes se tornavam vítimas das grandes secas que normalmente ocorriam no sertão nordestino, outros se organizavam em grupos para assaltar, saquear roubar e até matar. Estes sujeitos sentiam-se “obrigados” a recorrer à violência quase sempre por uma questão de sobrevivência, por isso o cangaço é visto também como um fator social, ainda que não era só às situações climáticas que favoreciam o aparecimento desses forasteiros, mas também a forma como eram tratados pelos chamados “coronéis”. Esses eram os grandes latifundiários detentores das terras; na maioria das vezes oprimiam as camadas mais pobres daquela sociedade. Especificamente esses cangaceiros agiam por conta própria e eram assim chamados, por que normalmente quando cessava a seca, eles iam aos poucos desaparecendo. Carlos Alberto Dória citando o escritor Franklin Távora, faz essa ponte, quando cita a grande seca que aconteceu em 1777:

Na maioria das histórias de bandos como este, que se formavam nos períodos de dolorosas estiagens, como as de 1777, 1825 e 1877 pequenos fazendeiros, sitiantes, vaqueiros, moradores, transformados em esfomeados, pilhavam propriedades e povoados, e eram combatidos como autênticos bandidos... *Dória, Carlos Alberto O cangaço (p.30)*

Este bando, cuja história Franklin Távora localizou entre 1775 e 1776, não seria o único a se movimentar nos sertões. O autor da a entender que outros existiram, pois, florestas e serra rochosas ofereciam facilidades ao seu desenvolvimento. Secas e epidemias eram, segundo o autor, fatores responsáveis pelo seu aparecimento justamente entre 1775 e 1776, fora a província de Pernambuco castigada por uma epidemia de varíola e em seguida por uma seca que se estendera por 1777 afora, permanecendo conhecida na tradição do povo como “a grande secados três sete. *Idem* (p.28)

*“O meio natural era tremendamente hostil ao homem pobre, com as secas periódicas e suas calamidades.”* (DÓRIA, 1981, p 28/30)

## O JAGUNÇO

O segundo grupo eram os chamados <sup>7</sup>jagunços, normalmente estavam sob o comando de um coronel que na maioria das vezes eram os políticos da época, eram uma espécie de segurança particular e estavam sempre prontos a agir a mando desses chefões, agia por ordem dos donos da terra, defendia as grandes propriedades, ou lutavam com jagunços de outro coronel. O jagunço é uma das marcas do coronelismo da época, o que diferenciava esses dos cangaceiros de Lampião; é que atuavam sob o comando de um coronel, ou seja, viviam ao comando dos grandes latifundiários que, como já foi dito, eram os políticos ou “chefes de segurança” ou melhor dizendo, “capangas” na linguagem popular da região, que Carlos Alberto Dória conseguiu traduzir a essência do pensamento e da ação política deles, quando retratou a seguinte frase muito comum utilizada na época por eles “Meu fuzil é bom, minha faca também é, não nasci pra semente, tô as ordem coroné”. DÓRIA (1981, p.25)

Os Cangaceiros, principalmente do bando de Virgulino tinham como chefe o próprio cangaceiro, só recebiam ordem direta do próprio Lampião. Ele Atuava de forma independente, é bem verdade que tinha seus aliados, que tanto poderiam ser coiteiros, quanto os coronéis, estes em alguns momentos ocupavam as duas funções ao mesmo tempo. Vale salientar que faziam uma espécie de aliança com o bando, em troca de proteção e também para gozarem da garantia de não serem atacados pelos mesmos, quando precisavam de algum “servicinho extra” ou estavam acima das suas possibilidades.

---

<sup>7</sup> Ou capangas, nome que se dava no Nordeste brasileiro àquelas pessoas que viviam a serviço de algum grande proprietário de terras os chamados coronéis.

Como também se criava um laço de amizade e compadrio entre às partes, não se sabe se por medo ou simpatia, sabe-se de relatos de pessoas que ajudavam ao bando de Lampião de forma secreta, pois era perigoso se declarar amigo de Cangaceiro, as volantes faziam constantes batidas em busca dos bandoleiros, e também tentar identificar os possíveis aliados dos Cangaceiros, prendê-los e levá-los a justiça dentro dos trâmites legais. Em algumas situações os matavam para que não os denunciasses das torturas ou outra formas de abuso e violência empregados no ato da abordagem, muitas vezes quando sabiam da existência de um coiteiro, “os perseguiram, torturavam de forma cruel tentando arrancar informações sobre o paradeiro dos cangaceiros (...) as relações de alianças e o compadrio, muito difundido na região, realmente tradicionais no Brasil todo, pressupunham contratos tácitos de auxílio mútuo nas mais diversas circunstâncias – contrato que se estabelecia entre iguais. Qualquer desistência no relacionamento tradicional era considerada “traição abominável” e os aliados de véspera passavam a serem inimigos mortais.” (Dória, 1981, p. 33/34)

...Além disso sou muito vigilante e confio sempre desconfiado, de modo que dificilmente me pegaram de corpo aberto. Ainda é de notar que tem bons amigos por toda parte e estou sempre avisado do movimento das forças. Tenho também um excelente serviço de espionagem, dispendioso, embora, mas utilíssimo. (SOUZA, 2001, p. 73)<sup>8</sup>

## **OS INDEPENDENTES**

O cangaceiro era visto geralmente “como um objeto de estudo da criminologia” e outras ciências afins, e agiam por sua conta e risco, batia de frente contra tudo que julgasse injusto. Esse tipo era também chamado de cangaceiros independentes, agiam sob o comando de outro cangaceiro ou formava seu próprio grupo, normalmente quando se destacava em suas habilidades em relação aos demais. Eram perseguidos pela polícia e por exércitos particulares dos coronéis no caso os chamados Jagunços. O cangaceiro sertanejo não acreditava na justa aplicação da lei, essa descrença é fruto de longa experiência de sofrimento e injustiça onde a lei que no seu princípio era de todos a acatarem, mas os coronéis e demais personagens poderosos da época se achavam acima da lei, tanto assim, que geralmente dizia-se o ditado popular que aos meus inimigos os rigores da lei, e aos meus aliados o favores da lei que beneficiava

---

<sup>8</sup> Anildomá Willans de Souza, nasceu em Serra Talhada – PE, no dia 08 de abril de 1962, filho de João Alexandre e Maria Ramalho Ângelo, cursou apenas o segundo grau e é dedicado a atividades folclóricas.

geralmente os mais poderosos e altamente rigorosa quando se tratava da população mais pobre e vulnerável,

A causa do cangaceiro é a causa do sertão faminto e violentado. Dessa forma, cangaceiro e sertanejo pobre se irmanam na luta contra as injustiças, apesar da população mais pobre sofrer pela ação mais violenta dos cangaceiros, quanto dos volantes.

Os cangaceiros independentes em alguns lugares e momentos, gozavam da amizade e apoio de uma boa parte da população, tanto dos pobres, como também de alguns ricos fazendeiros que para evitar conflitos serviam como <sup>9</sup> coiteiros. Essa condição oferecia a essas pessoas o risco de sofrerem fortes represarias das volantes (polícia) que eram tão cruéis quanto os cangaceiros e as vezes até piores. Deve-se levar em conta que muitas mortes e estupros causadas pelos volantes eram atribuídas aos Cangaceiros e vice-versa.

O sertanejo nunca olhou com simpatia o policial. Preferia um bando de cangaceiros a um volante da polícia. Viam o soldado perseguindo o pobre com a ajuda do chefe local, enquanto o cangaceiro saqueava os ricos e distribuía com os pobres (mas isso não era uma regra na História – O grifo é nosso)

O braço da lei, a ação do Estado, os meios de transporte e comunicação, atingiu o sertão causando mudanças. Não há mais condições para atuação de cangaceiros.

As rivalidades político-partidárias, os choques de liderança sertaneja, os conflitos pela posse da terra não cessaram. O cangaceiro cedeu lugar ao pistoleiro, ao matador profissional

Fonte:<http://caminhosdoturismopeloturismologo.blogspot.com/2010/10/diferenca-entre-o-jagunco-e-o.html> (acesso em 26/11/2019)

No início do século XX, o cangaço permeava quase toda região nordestina. Pequenos grupos de homens não tão organizados, como era o caso de Luiz Padre e Sinhô Pereira, os quais entraram no cangaço em 1907, tinha um estilo diferenciado de atuação, como por exemplo, resolvendo desavenças entre famílias.

Por esta altura naquela região, havia dois principais grupos de bandidos armados frouxamente organizados: os *jagunços*, mercenários que trabalhavam para quem pagou o seu preço, geralmente proprietários de terras que queriam proteger ou expandir seus limites territoriais e também lidar com os trabalhadores rurais; e os cangaceiros, "bandidos sociais",

---

<sup>9</sup> Pessoas ou famílias que apoiavam os cangaceiros, os ricos forneciam em alguns casos bebidas e alimentos e os escondiam em suas propriedades, os mais pobres serviam como informantes avisando sobre as volantes.

que tinham algum nível de apoio da população mais pobre: os bandidos sustentando alguns comportamentos benéficos, como atos de caridade, a compra de bens por preços mais altos e dando às partes livres ("Bailes"), e a população forneceu abrigo e as informações que os ajudou a escapar das forças policiais, conhecidos como volantes, enviados pelo governo para detê-los. (SOUZA, 2001 p.15)

Esses pequenos grupos vagavam pelos sertões de alguns Estados causando terror àquelas famílias que se recusavam a dar-lhes o devido apoio. Na maioria das vezes recebiam o apoio dos grandes proprietários de terra os chamados "coronéis." Era uma época de bastante escassez econômica, a maior parte da população nordestina, além de, analfabeta vivia abaixo da linha da pobreza dependendo em tudo cultivado do algodão de uma agricultura de subsistência e de criação do gado e de cabras e bodes, os pequenos agricultores, assim como os grandes proprietários agrícolas eram os coronéis que se aproveitavam e exploravam sem dó dos mais carentes, o escritor Anildomá Willans de Sousa descreve muito bem o cenário em seu livro "Lampião, o Comandante das Caatingas", quando ele esclarece melhor esta situação:

...Pois bem, esse Nordeste do início do século XX tem uma divisão de classes devidamente sumária, que são: de um lado o poderoso senhor dono das grandes extensões de terra, depois os sem-terra, o semi-escravo, o povo. Naquela época um agricultor ganhava quinhentos réis por onze horas diárias de trabalho braçal; no entanto, um quilo de carne de segunda custava, em média oitocentos réis, quanto ao feijão, custavam quatrocentos réis, sem falar que era o povo trabalhador que produzia tudo isto para o dito patrão, e que depois ele mesmo tinha de comprar de volta, numa ciranda mercantil perversa. (SOUZA, 2001, p. 15)

Podemos perceber que era um cenário propício para o surgimento desses grupos de revoltosos, à ausência do poder público, também era um fator preponderante nesse processo, pois na maioria das vezes os crimes praticados a mando desses coronéis, ficavam impunes, pois eles próprios, eram na sua maioria os prefeitos dos municípios e que indicavam os chefes de polícia local, que nem sempre levavam adiante as investigações e a sua apuração de forma correta em função de isto fazer parte um processo histórico de negação de cidadania e a da própria violação dos direitos individuais e coletivos. Esses prefeitos apoiavam os presidentes de províncias (governadores) que por sua vez apoiavam o chefe maior do executivo, o presidente da República.

Era um tempo maldito e deletério,  
De República em pleno feudalismo

O Brasil já no presidencialismo  
 Se regendo por normas do império  
 Quem queria fazer um Brasil sério  
 Não podia assistir acomodado  
 O futuro enganchado no passado  
 O presente perdido sem futuro  
 O papel da ternura era tão duro  
 Que o amor precisava andar armado.

(Fonte: SOUZA, 2001, p. 14)

Carlos Alberto Dória em sua obra “O Cangaço”, também aborda sobre essa problemática das lutas entre famílias e as vezes no seio da própria família nas disputas pelo poder econômico e/ou político na sociedade Nordestina:

Durante um grande período os grandes proprietários sertanejos se digladiaram para conquistar o direito de figurarem como autoridade governamental em sua área de domínio, para serem os coronéis da Guarda Nacional. Conquistada essa posição estratégica no terreno da política, poderiam então, garantir a eleição de deputados e senadores e influir nos ramos gerais da política regional e nacional. (DÓRIA, 1981, p.23) <sup>10</sup>

### **O MODO DE VIDA DOS CANGACEIROS:**

Os cangaceiros normalmente tinham uma vida nômade, abandonavam suas casas e família para viverem perambulando sertão à dentro, andavam de dia e de noite, até encontrarem um lugar seguro para então acamparem, normalmente nas fazendas de coiteiros, esses coiteiros eram pequenos fazendeiros que se encarregavam de dar guarida a esses forasteiros, e de mantê-los informados da presença de volantes na região, em troca recebiam proteção em caso de alguma desavença com outros fazendeiros ou até mesmo com a policia.

Um dos fatores que trouxe uma forte mudança no estilo de vida dos cangaceiros foi a presença feminina (tratarei mais a frente desse tema) até 1929 era proibido terminantemente a presença de mulheres nos bandos, até que Lampião se apaixonar perdidamente por Maria Dea, conhecida popularmente por Maria Bonita, a partir de então todos os outros cangaceiros sentiram-se no direito de trazer consigo suas

---

<sup>10</sup>Carlos Alberto Dória, nascido em São Paulo, formou-se em ciências sociais pela USP, em 1972, e foi professor de antropologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. É colaborador regular da revista cultural Trópico. Dória, Carlos Alberto. o Cangaço – São Paulo, Ed. Brasiliense. 1981 (Ed. Tudo é história)

mulheres. Não era uma tarefa fácil conduzir as mulheres em meio à caatinga, principalmente quando ficavam grávidas, “pariam no meio do mato”, e as crianças eram logo doadas pra familiares ou autoridades que eram da confiança dos cangaceiros.

Como estar demonstrado no mapa abaixo, os cangaceiros percorriam quase todo nordeste brasileiro, apenas dois dos nove Estados nordestinos não foram registradas a presença destes bandoleiros, Maranhão e Piauí. No entanto, a concentração maior desses forasteiros se dava entre os Estados de Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe com uma maior concentração na Bahia.

Figura 1- NORDESTE DO BRASIL: Área de Incidência do Cangaço



Mapa que mostra os Estados onde houve atuação do cangaço  
Fonte: UERJ- História – Historia... vestiprovas – <http://pt.wikipedia.org>  
Acesso: 04/11/2021

Observando a obra de alguns autores que tratam diretamente sobre o tema do Cangaço quando percebemos o quanto era “difícil à vida” dos cangaceiros, ainda que, para alguns era como se fosse uma aventura, pois podiam viver sem se preocupar com trabalho, no entanto para maioria deles era essa uma tarefa difícil, principalmente para as mulheres, tendo em vista algumas ter ingressado no cangaço de forma forçada, a exemplo da cangaceira Dadá que fora raptada aos doze anos de idade pelo cangaceiro Corisco, braço direito do bando de Lampião e segundo relatos, brutalmente

violentada a ponto de ficar alguns dias doente com muita febre, tendo que ser tratada na casa de parentes do cangaceiro, mesmo assim veio a se tornar sua legítima esposa, sendo destaque como a cangaceira mais valente do bando.

A única ocupação que existia entre os cangaceiros era fugir das volantes, a fonte de subsistência vinha dos saques que faziam nas cidades, fazendas e das casas dos que possuía alguma coisa para oferecer, em algumas situações antes de atacar algum lugar mandavam mensageiros pedindo apoio financeiro, alimentos ou qualquer outro item que pudesse lhes garantir a subsistência e a sua manutenção no Cangaço. Houve momentos em que estipulavam valores em dinheiro, quando não eram atendidos ameaçavam severamente às autoridades do lugar culminando com um ataque severo e impiedoso, roubavam dinheiro, joias, ou qualquer outro objeto de valor que fosse possível transportar, o assalto mais famoso foi a invasão à Casa da Baronesa de Água Branca no Sertão de Alagoas, roubando-lhes grande parte das suas famosas joias, o que garantiu a Lampião mais uma fama negativa em seu currículo. No entanto, em algumas situações não se davam bem, pois a população revoltada reagia à altura, como foi no caso de Mossoró, o escritor Raul Fernandes em sua obra “A marcha de Lampião” assalto a Mossoró 2ª edição na página 166, relata a forma enérgica como a população organizada resistiu ao ataque do bando de Lampião quase o levou a morte:

Mossoró estava de sobreaviso. Aguardava, com destemor, o momento supremo do início da refrega. Ruas deserta. Residências e casas comerciais de portas fechadas. Apenas a morada do prefeito permanecia de portas e janelas abertas, para melhor resistir a agressão. Durante a espera, vinte a trinta minutos antes daqueles disparos, os homens aquartelados no sobrado da firma F. Marcelino Holanda, na atual praça Rodolfo Fernandes, surpreenderam-se com brados estranhos e inesperados:

- Coragem, rapaziada, a vitória é nossa! Era o vigário da igreja Matriz, o padre Mota acompanhado do Cônego Amâncio Ramalho, em visita aos piquetes da cidade. Animava os Mossoroenses. (FERNANDES, 1982, p.168,169)

## CAPÍTULO II

### O JOVEM VIRGULINO E A SUA VIDA NO CANGAÇO

Por volta de 1918, ainda no período da República das Oligarquias a conhecida República Velha ou República do café-com-leite, aparece no cenário nordestino, uma figura “ilustre”, bastante conhecida, que por suas habilidades e poder de liderança torna-se o símbolo máximo do cangaceirismo. Trata-se de Virgulino Ferreira da Silva, nascido em junho de <sup>11</sup>1898, em um sítio por nome “Passagem da Pedra” no antigo município de Vila Bela, atual Serra Talhada no Estado de Pernambuco.

Virgulino era um jovem talentoso morador deste pequeno município, foi o terceiro filho de José Ferreira dos Santos e Maria Sucena da Purificação. Até seus 18 anos vivera uma vida normal como qualquer outra pessoa de sua época. Sua família tinha como atividade econômica a lavoura, no entanto Virgulino, além de suas habilidades artesanais, nas confecções de peças ou objetos em couro, possuía um pequeno rebanho de gado e ovelhas e ainda um bom número de cavalos com os quais exercia a atividade de <sup>12</sup>tropeiro.

As peças fabricadas por ele eram comercializadas nas feiras dos municípios da região, e ainda associava a essas atividades a função de vaqueiro e amansador de cavalos. (Idem – SOUZA, 2001, p.21)

Também possuía certo talento para composição musical, a exemplo da tão conhecida música “mulher rendeira” autoria atribuída a ele, conquistava a mulherada da época com o som da sua sanfona e dançava muito bem o <sup>13</sup>xaxado. Era alfabetizado e usava óculos para leitura, características bastante incomuns para a região sertaneja e pobre onde ele morava.

---

<sup>11</sup> Nas obras examinadas por mim, encontrei uma série de divergências no que diz respeito a data do nascimento de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) o escritor Anildomá Willans de Souza em seu livro “Lampião o Comandante das Caatingas” na página de número 21 trás a data de 07 de julho de 1897, enquanto Carlos Alberto Dória “o Cangaço” página 65, diz que o nascimento do Cangaceiro se deu por volta do ano de 1900 e Antonio Américo de Medeiros em sua literatura de Cordel “Lampião a sua Historia contada em Cordel” página 01, afirma de forma categórica que esse acontecimento se deu no dia 12 de fevereiro de 1900, segundo esse cordelista essa data fora informada pelo próprio Lampião

<sup>12</sup> Recebia esse adjetivo, às pessoas que faziam transporte de mercadoria no lombo de animais, segundo a historiografia, Virgulino possuía mais de uma dezena de animal de carga.

<sup>13</sup> Era um estilo de dança que era praticada ao som da sanfona arrastando os pés, comum entre os cangaceiros

Figura 2 - PERNAMBUCO: Virgulino Ferreira da Silva



Fonte: <https://www.google.com/search?q=lampião&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved>

<sup>14</sup>Acesso em 23 de agosto de 2019

Era um rapaz com princípios religiosos, devoto de Padre Cícero e respeitava as suas crenças e conselhos. Anildomá Willans de Souza conterrâneo de Lampião, em seu livro “Lampião o Comandante das Caatingas descreve Virgulino Ferreira da Silva com características de um bom moço. Analisando a obra desse autor, percebi que o mesmo tem como objetivo mudar a forma radical e a imagem negativa que muitos historiadores do cangaço criaram do mais famoso cangaceiro do sertão nordestino, Luiz Conrado Lorena e Sá apresentando a obra de Anildomá, traz a seguinte descrição a respeito do jovem Virgulino:

Dizer-se que Lampião foi a figura mais ilustre de Serra Talhada, significa inversão de valores ou pretender alterar a ordem natural das coisas. Um contra-senso que a história jamais aceitaria. Contudo não há de negar que ele foi um jovem tropeiro eficiente e honesto, foi bom vaqueiro, bom filho, bom irmão e amigo. (SOUZA ,1982, p.11)

É difícil de acreditar como alguém com tantas “qualidades boas” possa ter se tornado um ser tão violento dentro do cangaço. Dizer que Lampião era totalmente mal é desconhecer sua trajetória antes do cangaço, o que precisa ser analisado é; o antes e o

<sup>14</sup><https://www.google.com/search?q=lampião&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved>

depois da vida desse personagem tão controverso da literatura brasileira. Podemos até afirmar pela histórica que Virgulino buscou no crime uma maneira de superar o descaso das autoridades da época, por isso se faz mais do que necessário analisar os motivos que levaram Lampião a uma mudança de vida tão radical. “Foi arrastado por circunstâncias alheias à sua vontade para a sarjeta comum da criminalidade, onde também dedicou-se com extraordinária competência e resolveu seus pendores de estrategista consumado, dignos evidentemente de um militar experiente”. Segundo Souza (1982, p.11) Ao examinar o perfil do Jovem Virgulino antes do Cangaço, vemos alguém com uma capacidade enorme de adequação, habilidade, inteligência e coragem não lhe faltava, podemos dizer que “era pau pra toda obra”<sup>15</sup>.

Porque não acreditar! Que se Virgulino não tivesse tido o triste destino de entrar para o cangaço, não teria sido um grande chefe militar ou se destacado como um grande chefe político da sua época? Na condição de cangaceiro chefe sempre se portou como um líder de palavra, cumprindo sempre o que prometia, ainda que na maioria das vezes matando seus opositores.

Suas habilidades eram reconhecidas até pelo próprio governo, quando foi convidado para fazer parte do exército patriótico do Estado do Ceará recebendo o posto de Capitão, recebendo armas e munições do governo para combater a “Coluna Prestes” que tinha a sua essência no movimento tenentistas que abrigava todas as tendências políticas e ideológicas dentro do próprio exército tanto da extrema direita como da extrema esquerda. Para que possamos melhor entender essa diversidade de posições dentro do contexto das forças armadas brasileiras.

O Padre Cícero de Juazeiro foi o grande intermediário dessa negociação, a quem Lampião tinha grande estima, infelizmente logo após Lampião descobriu que tudo não passou de uma troca de interesses em que tentava-se eliminar Luiz Carlos Prestes e o grupo políticos que ele representava, por um lado e por outro lado, Lampião recebia a patente de Capitão (que depois foi-lhe caçada pelo governo da época) e ao mesmo tempo teria ele recebido do governo armas mais modernas e munição, que para eles era maravilhoso, assim sendo, havia o jogo de interesses envolvidos em tal circunstância histórica.

---

<sup>15</sup> Ditado popular que identifica alguém com capacidade pra qualquer tipo de trabalho;

Tive um combate com os revoltosos da Coluna Prestes entre São Miguel e Alto da Areia. Informado de que eles por ali passavam e sendo eu legalista fui atacá-los, havendo forte tiroteio. Depois da grande luta e estando apenas com dezoito companheiros, vi-me forçado a recuar, deixando diversos inimigos feridos. (SOUZA, 1982, p 75)

Ao observar a história do cangaço nordestino, o que já foi produzido e o que ainda esta sendo produzido, percebe-se o quanto foi importante a leitura de outras fontes a respeito da vida cotidiana de Virgulino Ferreira da Silva, anteriormente à sua adesão ao cangaço, em função de uma série de comportamentos e atitudes que dão uma radiografia mais precisa possível das relações de poder entre os Coronéis no Sertão de Pernambuco e às suas relações com o poder judiciário Estadual e Local e do funcionamento do aparelho de Estado. No que se refere a aplicação da justiça, onde a injustiça era a regra geral prevalecia o princípio, “aos meus amigos os benefícios da lei e aos meus inimigos os rigores da lei”. Diante disso, podemos melhor entender à sua adesão ao Cangaço como uma estratégia de tentar corrigir uma grande injustiça cometida que culminou com assassinato de seus pais, que para o seu contexto da época ou enfrentaria o coronel que teria encomendado a morte de seu pai ou ficaria a esperar que se efetivasse a justiça o que para época era improvável em função do que já foi exposto antes.

Entendemos que, o fenômeno social chamado “Cangaço” só foi possível ser entendido com uma maior dimensão historiográfica, quando Eric Hobsbawm publicou sua obra “Bandidos”, ele pesquisou ao longo da história o papel social desempenhado por eles dentro de cada contexto histórico, seja na Rússia, na Turquia, na máfia Italiana nos pistoleiros do Oeste Norte Americano Billy The Kid e outros até chegar as Caatingas Nordestinas falando do rei dos cangaceiros, Lampião e o seu bando e o que ele significou para Sociedade Nordestina da sua época, possibilitando um processo de revisionismo historiográfico a respeito da temática citada.

Inúmeras obras são produzidas pelos mais destacados escritores, é incrível a forma como o tema atrai e inspira tanta gente. Lampião foi um diferencial no movimento cangaceirista, diferente de todos os seus antecessores, talvez pela sua forma hilária de agir, podemos dizer que esse sujeito tinha um pouco de tudo, um pouco de herói, um pouco de bandido, honrado por uns e ao mesmo tempo odiado por outros, tinha a fama de protetor dos mais humildes, mas ao mesmo tempo se vingava com violência extrema

dos seus opositores não importando o nível social dos mesmos. Alguns atos violentos praticado por Lampião demonstrava um certo “senso de justiça”, ainda que não justificasse para alguns, no entanto para outros seria uma forma de intimidar àqueles que de forma covarde praticasse alguma atrocidade contra os menos favorecidos. O escritor Carlos Alberto Dória relata um fato (entre tantos outros) em que Lampião em sua passagem por Cabrobó, depois de saquear a cidade seguiu para fazenda de um certo Zé Calú, o cangaceiro tomou conhecimento que esse fazendeiro havia violentado a própria filha, Lampião após invadir a fazenda, castrou-o.

O que nos surpreende nesse personagem é a forma como um homem de origem simples sem muita cultura conseguiu adentrar na história nacional e até mesmo internacional, incomodando às mais diversas estruturas dos poderes do nosso país. Podemos ver em Virgulino um corajoso estrategista que facilmente se adequava às mais diversas condições, inteligência nata não lhe faltava, capacidade para liderar também lhe era peculiar, tudo isso somado à conivência do próprio Estado que de alguma forma contribuía para propagação e manutenção desse fenômeno social tão conhecido hoje.

Um dos fatos que mais demonstrou a conivência do Estado com o banditismo cangaceirista, foi um raro momento em que o governo de “forma vergonhosa” negociou de forma indireta com Lampião e seu bando em março de 1926 a concessão da patente de Capitão do Exército patriota do Ceará onde este processo foi intermediado pelo Padre Cicero Romão Batista a quem Lampião tinha grande estima e consideração, em que caberia a Lampião e a seu grupo dar combate sistemático a “Coluna Prestes”, enquanto ela passava próximo a região do Ceará e demais Estados Nordestinos a ameaçar os interesses dos Coronéis e do Movimento Tenentista que defendiam a tese da eliminação do voto do cabresto a ser substituído pelo voto secreto e universal.

A respeito dessa suposta patente tem sido motivo de polêmica entre os estudiosos do assunto é questionado a sua autenticidade, no entanto várias versões a respeito do assunto surgiram no decorrer dos anos, deixando a história ainda mais confusa e fazendo com que o assunto ganhasse ainda mais elementos causadores de discordâncias entre intelectuais que tem escrito sobre a história de Lampião. Porém, um livro recentemente lançado pelo Professor, pesquisador e escritor cearense Daniel Walker, intitulado "Lampião e sua falsa patente de capitão", trouxe novamente o assunto ao palco do debate, dessa vez apresentando argumentos e novas evidências que

podem esclarecer de uma vez por todas esse assunto que há tempos vem causando debates e discussões acirradas na tentativa de elucidá-lo. Nesse documentário Daniel Walker apresenta sua versão à respeito do tema em questão e aborda outros assuntos também identificados com esta temática.

Virgulino com a idade de mais ou menos vinte anos, ver sua vida mudar, como diz o ditado popular, “da água pro vinho”. Há quem diga que Virgulino já tinha um instinto violento e em consequência disto uma pré-disposição para o Cangaço, no entanto na obra de Anildoma Willans de Souza “Lampião o Comandante da Caatinga” o autor traz a seguinte afirmação:

Está redondamente enganado quem pensar que Virgulino Ferreira da Silva sempre teve vocação para o Cangaço. Seus genitores tiveram a total preocupação em oferecer o melhor a todos os filhos e filhas e para que tivessem a melhor relação social possível. Orientaram na religião colocaram todos na escola, ensinaram desde cedo a trabalhar e assim viveram todos antes da vida cangaceira. Durante toda sua vida lhe acompanharam as influencias de sua educação dentro da cruel realidade que vivera e cada vez mais se cristalizava sua personalidade típica de homem sertanejo. Idem, SOUZA- (1982 p.33)

José Ferreira (pai de Virgulino) e José Saturnino, eram pequenos proprietários de terras que se avizinham, e também tinham aptidões políticas, foram as desavenças políticas e coisas banais do dia a dia: como um animal que entrava no roçado do outro, um chocalho amassado, a calda de um animal cortada, essas pequenas coisas deram início a um conflito grave entre essas duas famílias.

Essas desavenças fizeram com que José Ferreira se mudasse para um povoado chamado Nazaré, chegou a propor um acordo com seu adversário, de que nenhum dos dois frequentaria as imediações da morada do outro, mas José Saturnino quebrou o acordo, fazendo uma provocação contra Virgulino Ferreira da Silva na feira de Nazaré, a polícia tentou desarmar os irmãos Ferreiras que não se deixaram intimidar abrindo fogo em plena feira, Livino (irmão de Virgulino) foi preso, sendo solto algum tempo depois.

Esse episódio levou José Ferreira a mudar mais uma vez de residência, desta feita para mais distante, a cidade de Mata Grande Estado de Alagoas.

Agora, em território Alagoano, José Ferreira e sua família de sete filhos, quatro mulheres e três homens, pensava está em paz, no entanto o destino parece que o perseguia, sua esposa veio a falecer em Mata grande.

Acontece um episódio que mais uma vez acende os ânimos da rivalidade, um cunhado de José Ferreira (pai de Virgulino) que era inspetor de quartirão naquela região prende um dos moradores de José Saturnino, antigo rival de José Ferreira. Bastou apenas isso para que toda rivalidade voltasse a aflorar, Virgulino revoltado com a situação convoca seu irmão Livino e junta-se ao primo Antônio Matilde e com um grupo de quinze homens invadiram a fazenda de José Saturnino, colocaram fogo na casa e matam o gado.

Esse episódio foi o suficiente para que a Polícia Alagoana abrisse fogo contra a família de Virgulino, o mesmo não estava presente no momento da investida policial, nesse combate morre José Ferreira, pai de Virgulino, essa foi a tacada final! Entrado no sentido de Virgulino Ferreira da Silva mais tarde se transformar no Cangaceiro Lampião.

Ao retornar para Alagoas atraído por esse episódio, Virgulino toma a decisão de entrar de vez para o Cangaço:

Antônio Livino e Virgulino, informados do ocorrido, retornaram para Alagoas. Virgulino, que tinha ascendência sobre os demais, abraçou os seis irmãos menores e traçou os planos para a família. Virando-se para João, então com dezoito anos disse: “João você vai cuidar de nossas quatro irmãs e de Ezequiel. Va embora daqui vá viver em paz.” Para os demais disse: “perdemos tudo, não perdemos? Agora é Matar até morrer”. (DÓRIA, 1981 p.67)

A partir de então, Virgulino se une ao grupo de Luiz Padre e Sinhô Pereira, líderes de grupos de Cangaceiros que já permeava os Sertões do Nordeste, em 1920 os três irmãos já faziam parte do Cangaço. Foi nesses primeiros anos de Cangaço que Virgulino recebe o apelido de Lampião, foi dado por Luiz Padre líder do bando que observou em um combate com a volante, que o “rifle de Virgulino atirava tanto que parecia um lampião.” (DÓRIA, 1981, p.67)

**Figura 3 - LAMPIÃO: O Rei das Caatingas em posição de combate.**



FONTE: <sup>1</sup><https://www.google.com/search?q=lampião&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0a>  
 acesso em 24 de agosto 2019

Carlos Alberto Dória em seu livro “O Cangaço” faz menção a alguns poemas de autoria de João Martins de Athayde, que através de versos retrata a crueldade de Virgulino dentro do Cangaço:” Diferente de Jesuíno Brilhante ou Antônio Silvino, o Cangaço de Lampião, que durou de 1920 a 1938, está marcada por um novo signo.”

Lampião é um bandido de muita perversidade, no lugar onde ele passa vai deixando a orfandade e não pode ter conceito os crimes que ele tem feito, fora e dentro da cidade. É ladrão e assassino e também deflorador, fez do rifle o seu amigo consagrando grande amor, é desgraçado e perjuro é mais sujo que o monstro que de nada tem valor. (DÓRIA, 1981 p.61)

Dória continua relatando os versos de Athayde, descrevendo o lado sombrio e violento de Virgulino no Cangaço, Athayde conta através dos versos a história macabra em que Lampião castiga um velho por ter denunciado seu paradeiro a um Tenente de Polícia:

Pegaram o rapaz mais velho e colocaram de um lado pelo braço e pela perna do pai foi logo amarrado Lampião rangia o dente pior de que a serpente ou um cachorro danado depois deles amarrado O bandido Lampião Tirou o punhal<sup>16</sup> da cinta e sangrou o rapaz no vão Gritava como

---

<sup>16</sup> O punhal usado pelos cangaceiros, em especial Lampião, era uma haste de metal ponte-aguda medindo setenta ou oitenta centímetros com um cabo em uma das extremidades. Utilizavam essa arma

um danado, olha bem velho safado como é que se mata um cão. O rapaz caiu de bruço. E com o impulso que deu levou o velho também que grande queda sofreu com a grande punhalada não pode mais fazer nada no mesmo instante morreu. (DÓRIA, 1981 p.62)

No Jornal diário de Pernambuco, publicado no dia 28 de julho de 2008, comemorativo aos setenta anos da “<sup>17</sup> morte de Lampião”. Este jornal traz uma reportagem mencionando uma das pessoas que mesmo não sendo cangaceiro, teve a oportunidade de conviver bastante tempo entre eles. <sup>18</sup>Um libanês de nome Benjamin Abrahão Botto. Abrahão foi secretário do Padre Cícero, e conheceu o cangaceiro Lampião em 1926, quando este foi até Juazeiro do Norte a fim de receber a bênção do célebre vigário e a patente de capitão, Após a morte de Padre Cícero, ele solicitou e obteve do “*Rei do Cangaço*” a permissão para acompanhar o bando na caatinga e realizar as imagens que o imortalizaram. Para tanto teve a parceria do cearense Ademar Bezerra de Albuquerque, dono da ABAFILM que, além de emprestar os equipamentos, ensinou ao fotógrafo seu uso.

Figura 4 - Benjamin Abrahão com Padre Cicero em Juazeiro



<https://www.google.com/search?q=Benjamin+Abrahão+com+Lampião&source>

Na edição desse jornal é mencionada uma frase do fotógrafo Abrahão a respeito de Lampião “O Capitão Virgulino Ferreira é ignorante, mas inteligência não lhe falta”

---

para assassinar seus inimigos, normalmente apunhalando-as na clavícula em um local popularmente conhecido como saboneteira, perfurando os principais órgãos das vítimas, esse procedimento macabro provocava uma espécie de festival de sangue, pois o corpo expelia o sangue com uma velocidade brutal, enquanto os cangaceiros festejavam a cena e às vítimas se debatendo até morrer.

<sup>17</sup> Virgulino Ferreira da Silva, o vulgo Lampião, foi morto e decapitado no dia 28 de julho de 1938 na grota de Angicos, além de Lampião, morreram também sua mulher Maria Bonita e mais nove cangaceiros

<sup>18</sup><http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=benjamin-abrahao>.

(Benjamim Abrahão) Cineasta – Na trilha do cangaço, o libanês que domou Lampião - publicado no jornal diário de Pernambuco, Recife 28 de julho de 2008, (p.2)

Figura 5 - LAMPIÃO: e o Libanês Benjamin Abrahão Botto.



FONTE: <https://www.google.com/search?q=Benjamin+Abrahão+com+Lampião&source>  
Acesso em 24 de agosto de 2019

Não poderia terminar esse trabalho sem mencionar o fim trágico desse líder lendário, “Virgulino Ferreira da Silva”. Podemos afirmar que o fim de Lampião culminou também com o fim do Cangaço, sabendo-se de antemão que os coiteiros eram extremamente perseguidos pela polícia para revelar os esconderijos dos cangaceiros, tanto quanto o simples fato de um coiteiro ou qualquer outra pessoa comprar na feira uma quantidade maior do que o previsto de farinha de mandioca, rapadura, charque, algumas bebidas ou perfumes, essas pessoas eram investigadas pela polícia como ajudantes que poderiam fornecer alimentos para os cangaceiros, e foi assim que os informantes da polícia conseguiram identificar mensagens entre os cangaceiros e coiteiros obrigando-os a confessar o local onde se encontravam Lampião e seu bando.

Na gruta de Angicos foi o local em que Lampião e seu bando se encontravam, a polícia levou para lá fuzis mais novos de repetição e uma metralhadora. Esperaram anoitecer para atacá-los ao longo da noite culminando com a morte de Lampião e Maria Bonita e mais nove cangaceiros, embora outros tenham misteriosamente e inexplicavelmente sobrevivido ao ataque das forças policiais.

É bem verdade que alguns cangaceiros pensaram em dar continuidade ao legado de Virgulino, mas sem sucesso, foi o caso de Corisco que na tentativa de vingar a morte de seu consagrado chefe e talvez mostrar que o Cangaço ainda predominava, cometeu uma das maiores chacinas já vistas no sertão nordestino, dizimando seis membros de uma mesma família tidos como delatores do local onde Lampião se encontrava escondido e ainda de forma atrevida e macabra envia às cabeças das vítimas ao Tenente José Bezerra, este oficial comandou o ataque contra Lampião em Angicos, “diga a ele que faça uma fritada com essas cabeças”, foram essas as palavras do cangaceiro, mal sabia ele que dois anos depois seria ele o próximo a ser abatido pelas forças policiais do Estado Alagoano, sob o comando do Tenente José Rufino no dia 25 de maio de 1940.

### CAPÍTULO III

Seria desagradável para mim, abordar esse tema e não mencionar esse personagem alagoano que tanto marcou a história do cangaço, trata-se de Cristino Gomes da Silva Cleto, mais popularmente conhecido na história do Cangaço como “Corisco”. Filho de Manuel Gomes da Silva e de Firmina Cleto, Cristino Gomes da Silva Cleto nasceu em 1907, na localidade de Matinha de Água Branca, no Estado de Alagoas.

Figura 6 - Corisco: Um Alagoano no Cangaço



FONTE:<sup>1</sup>[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=553](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=553)  
Semira Adler Vainsencher Pesquisadora da Fundação  
Joaquim Nabucopesquisaescolar@fundaj.gov.br,  
Acesso em 20/01/2020

Um dos Cabras mais habilidoso do bando de Lampião, Corisco assumia uma função de sub-chefe, Lampião por questão de estratégia costumava dividir seu grupo em sub-grupos colocando à frente desses, aqueles cangaceiros que mais se destacavam nos combates, e Corisco era um destes, ou, o melhor dentre eles.

A entrada de Cristino Gomes no cangaço se deu de uma forma diferente de Virgulino, nascido no povoado de Matinha município de Água Branca no Estado de Alagoas, Cristino Gomes da Silva Cleto era um jovem de boa aparência, porte físico avantajado pele alva e cabelos loiros e longos (essa condição lhe rendeu o apelido de Diabo Louro), sua entrada para o cangaço se deu por volta de 1926, ao se envolver em uma briga de rua por ironia do destino assassinou um homem protegido de um dos

coronéis da cidade, Cristino viu-se quase que obrigado a fugir pra não morrer, no entanto, uma outra alternativa surgiu: virá Cangaceiro, essa seria uma forma de enfrentar seus inimigos de igual pra igual. Na concepção de alguns da época entrar para o cangaço, dependendo da situação, além de ser um negocio rendoso, (ainda que arriscado) colocava o individuo em uma condição de autoridade. Os cangaceiros viviam financeiramente bem, praticavam saques em residências, cidade e fazendas, passavam também a gozar de um certo prestígio principalmente por parte da população sertaneja mais pobre, não se sabe se por medo ou admiração, imaginemos uma sociedade assolada pela seca, uma desigualdade social sem precedentes, emprego não existia, e quando aparecia era pra servir como semi-escravo aos coronéis da região, recebendo uma miséria de salário, que mal dava para sobreviver, os jovens viam no cangaço uma forma de viver bem, ainda que à margem da sociedade.

É bem verdade que nem todo cangaceiro adentrou ao cangaço por essas razões, como é o caso de Corisco e do próprio Lampião, pois segundo os relatos já mencionados nesse trabalho, ambos foram motivados por circunstâncias adversas, no entanto a grande maioria dos que compunham os bandos fora atraídos pelo estilo de vida desses fora da lei. Mesmo para aqueles que entraram no cangaço quase como por ironia do destino, encontraram nessa prática, uma forma de vida fácil e produtiva, vejamos as palavras de Lampião: “Até agora não desejei abandonar a vida das armas com a qual me acostumei e sinto-me bem.” Souza, (1982 p.73). O cangaceiro Cristino Gomes da Silva Cleto já era conhecido pela sua coragem extraordinária, características próprias de um cangaceiro, não excitou em se aliar ao bando de Lampião, por quem certamente já tinha grande admiração. Já fazendo parte do bando não demorou pra ser reconhecido como um chefe nato pelo seu líder maior, Lampião, recebendo o apelido de Corisco devido sua desenvoltura e agilidade, e “Diabo Louro” devido sua aparência loira e instinto de crueldade.

Corisco foi considerado o último cangaceiro, foi morto em 1940 dois anos após a morte de seu chefe Virgulino, o Lampião. Foi tão cruel quanto seu líder chegando às vezes bater de frente com Lampião por discordâncias banais, no entanto o tinha em grande estima, respeito e consideração, a prova disso é que logo após o anuncio da morte de Lampião em Angicos, tratou urgentemente de praticar a vingança cometendo uma das mais bárbaras chacinas já conhecidas pelo cangaço. Isso se deu em meados do ano de 1938 a morte de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros, foram

mortos e decapitados pela volante do Tenente João Bezerra da Policia Alagoana, o fato ocorreu na fazenda de um coiteiro em uma região conhecida como grota de Angicos no vizinho Estado de Sergipe. Corisco, ao receber essa notícia, Resolveu se vingar furiosamente, então ele se dirigiu até a Fazenda Patos e matou e degolou Domingos Ventura e mais seis pessoas da família do fazendeiro acusado de delatar o bando de Cangaceiros à polícia, Corisco após concluir a chacina enviou as cabeças ao Tenente João Bezerra com o seguinte recado “diga ao tenente João Bezerra que essas cabeças é para ele fazer uma fritada” porém, dias depois surgiu a noticia que essa família era inocente, pois os verdadeiros culpados eram os irmãos Pedro de Cândido e Durval de Cândido.

## CAPÍTULO IV

### A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA HISTÓRIA DO CANGAÇO

Até 1929/1930 não se ouvia falar em mulher no cangaço, os cangaceiros viviam uma vida muito corrida a maior parte do tempo nas caatingas fugindo dos volantes, quem aderira ao cangaço passaria a viver longe da família e da sociedade em geral. As famílias de cangaceiros também sofriam muita pressão por parte das volantes<sup>19</sup> (policia), pois eram tratados como coiteiros dos cangaceiros, o que em algumas situações era verdade, devido as circunstâncias em que viviam essas famílias, podemos afirmar, que essas pessoas viviam entre a cruz e o punhal, sofriam de ambos os lados, pois se ficassem do lado dos cangaceiros estavam sujeitas a sofrerem violências por parte das volantes, se ficassem do lado das volantes se tornavam presa fácil dos cangaceiros que também tinham seus informantes, um exemplo disso, foi no caso do cangaceiro Corisco, que logo após a morte de Lampião, sendo informado que uma família havia dedurado para a volante do Tenente Bezerra o local onde o cangaceiro Lampião e seu bando estavam, sendo em seguida dizimado onze cangaceiros inclusive Lampião e sua companheira Maria Bonita, ele enfurecido procurou se vingar da chacina de Angicos, dizimou quase todos os membros dessa família, decapitando seis pessoas deixando apenas as crianças que escaparam graças a interferência de Dadá sua mulher.

Foi um período muito difícil para o povo sertanejo, principalmente para os mais pobres que não tinham como se deslocar para outros lugares devido a situação social que viviam, dependendo em tudo dos seus patrões os grandes fazendeiros chamados Coronéis<sup>20</sup>, onde quem morava nessas fazendas não teriam a liberdade de escolha, faziam tudo o que seus patrões ordenava. Esses coronéis quando pressionados pelos volantes ou por cangaceiros (dependendo de que lado estivesse) fugiam para a cidade ou outras fazendas, sendo que seus empregados ficavam sujeitos aos ataques violentos desses bandos.

---

<sup>19</sup> Um tipo de policia especializada em perseguir cangaceiros, muitos desses policiais eram homens que na maioria das vezes sofreram algum tipo de ataque violento por parte desses bandos, viam nas volantes uma forma de se vingar, por isso de forma voluntaria se alistavam na policia para terem a oportunidade de vingar a afronta sofrida, tornavam-se tão violentos quanto os cangaceiros, chegando ao ponto de torturar não só os cangaceiros quando capturados, mas os chamados coiteiros para que esses dedurassem os bandos de cangaceiros.

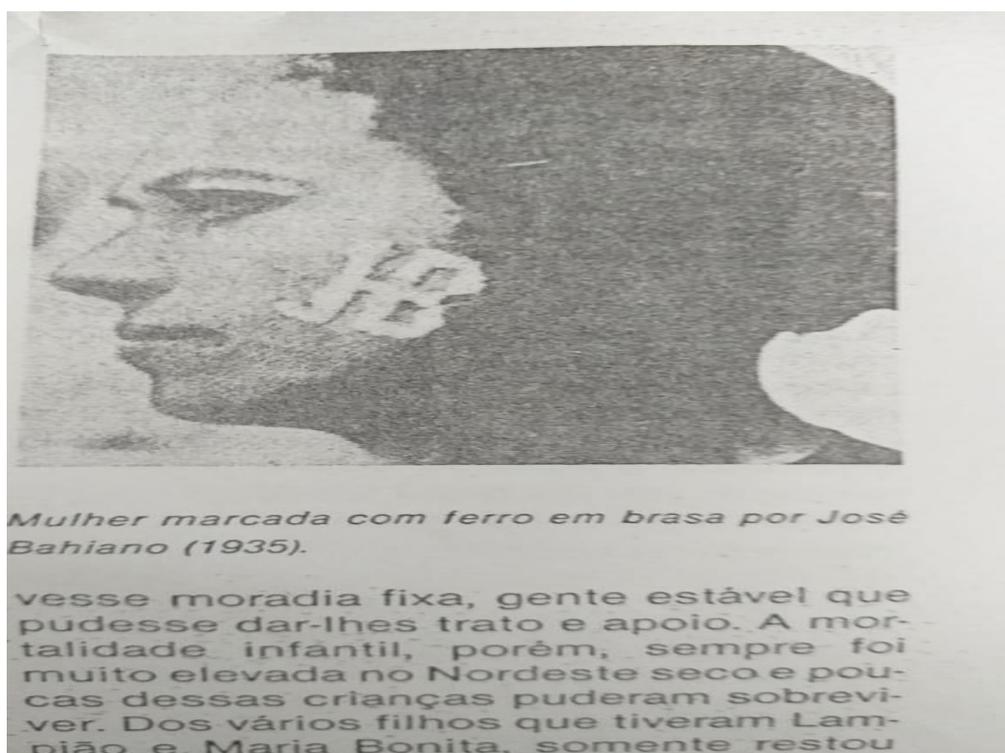
<sup>20</sup> Eram os donos de grande parte das terras do sertão nordestino

Às mulheres por vezes eram as mais prejudicadas, pois na maioria das vezes quando não eram mortas de imediato sofriam vários tipos de torturas e quase sempre eram estupradas de forma brutal, vindo em alguns casos a morrerem devido a violência a que eram submetidas. Algumas eram seqüestradas pelos cangaceiros e depois de um certo período eram devolvidas para às famílias, pois não podiam permanecer no cangaço.

Até seu encontro com Maria bonita, não conservava Lampião mulheres no bando, a não ser esporadicamente em algumas circunstâncias, para cuidar de seus teréns. Ao que se sabe nunca fora um sedutor, tivera apenas alguns amores com prostitutas de povoados. (DÓRIA, 1981 p.50)

A violência era tanta com as mulheres que em alguns casos essas pobres vítimas eram ferradas como animais, na maioria das vezes essas marcas eram feitas no rosto com as iniciais do nome do cangaceiro a exemplo da gravura abaixo:

Figura 7 - Mulher marcada com ferro em brasa pelo cangaceiro José Bahiano



Por volta de 1930, adentra ao cangaço de forma oficial a tão conhecida Maria Bonita, seu nome de batismo era Maria Gomes de Oliveira, conhecida na região por Maria Dea ou Maria de Dea (Dea era o nome de sua Mãe), nasceu numa pequena fazenda no povoado de Malhada da Caiçara, município da Gloria, atual cidade de Paulo

Afonso, na Bahia, no dia 8 de março de 1911, filha dos pequenos lavradores José Gomes de Oliveira e Maria Joaquina Conceição Oliveira.

Figura 8 – Maria Bonita, a primeira mulher no cangaço:



<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/24/maria-bonita-joias-tortura-e-sem-sexo-as-sextas-diz-biografa-do-cangaço.htm> acesso: 05/11/2021

“Maria Bonita tornou-se cangaceira porque quis, era infeliz no casamento com um sapateiro e largou tudo para acompanhar Lampião, na época, já uma celebridade internacional, o bandido mais procurado do Brasil, com direito a reportagem no "The New York Times".

Por volta de 1928 ou 1929, estando Lampião no Norte da Bahia, disse-lhe um dia um de seus cangaceiros que a filha do proprietário da fazenda malhada de caiçara, no município de Jeremoabo, estava apaixonada por ele sem tê-lo visto e mandava-lhe recado de que viesse conhecê-la. Chamava-se Maria e vivia com um sapateiro chamado Zé de Neném. Lampião relutou não gostava “dessas amorosas”, porém levado pela curiosidade e diante da fama da beleza da jovem, dispôs-se a encontrá-la. Existem hoje várias versões deste encontro. Todos os testemunhos porem, concordam em que Maria Bonita declarou

imediatamente sua disposição de partir com o cangaceiro e ele subjugado por tanta decisão e formosura, consentiu. (DÓRIA, 1981 p.50)

Figura 9 - Maria Gomes de Oliveira (Maria Bonita) com vestes de Cangaceira



[https://www.ebiografia.com/maria\\_bonita/](https://www.ebiografia.com/maria_bonita/) acesso em 08/01/2020

Há um fato histórico importante a ser revisto por todos nós quando se fala da presença ou participação das mulheres no Cangaço, quando a aparente sociedade da época que colocava a mulher numa condição de aparente inferioridade social e intelectual, foi isso obrigado a ser revisto como um comportamento em que elas opinavam, se manifestavam e em alguns casos até decidir sobre a vida ou a morte que estavam sob o controle dos cangaceiros, o que lhes davam uma autoridade nunca vista em nem um outro momento da história da humanidade, exceto em sociedades matriarcais que o poder de comando caberia a elas.

Desta feita foi diferente, a mulher agora passaria a ser tratada com respeito dentro do cangaço. Maria Santinha<sup>21</sup> como posteriormente seria tratada por seu companheiro, trouxe ao bando algumas mudanças de hábitos, é de comum acordo entre os historiadores do assunto que muitos dos desmandos praticados pelos cangaceiros foram de certa forma freados, os estupros e os raptos de mulheres e outras atrocidades aos poucos foram diminuindo, até mesmo por que Lampião agora abre um precedente para os demais cangaceiros poderem levar mulheres com eles em suas andanças.

Os motivos dos cangaceiros não admitirem mulheres nos bandos eram diversos, o principal problema eram as gravidezes indesejáveis, fragilidade física, higiene pessoal, entre outras. A partir de 1930 o chefe do bando Virgulino Ferreira da Silva mais conhecido como o “Lampião” quebra esse protocolo, movido pela paixão e cego de amor por Maria Bonita, Lampião a traz consigo abrindo desta forma precedentes para os demais. Dessa união nasce Expedita, que logo após seu nascimento fora entregue a um casal de fazendeiros que a criaram, segundo informações, ela chegou a ver o pai uma ou duas vezes durante sua vida.

Expedita nasceu em setembro de 1931, pelas mãos de uma parteira, sob a sombra de um umbuzeiro. Dias depois do nascimento, a menina foi entregue a um casal de vaqueiros, em Sergipe. A mulher havia dado à luz recentemente e é possível que a filha de Maria Bonita tenha sido apresentada à vizinhança como a irmã gêmea do outro bebê. Depois que entregou sua filha, Maria amarrou um pano em volta dos seios. Espremidos, eles deixavam vaziar pouco leite. Há relatos de que, antes de ser doada, a bebê quase foi sangrada a facão pelo pai. Lampião se impacientaria com o choro dela e com o fato de ter que parar as caminhadas do bando para que a mulher cuidasse do bebê. Todas as cangaceiras eram obrigadas a entregar seus bebês ainda recém-nascidos. Geralmente, eles eram dados a fazendeiros, juizes ou padres.

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/08/24/maria-bonita-joias-tortura-e-sem-sexo-as-sextas-diz-biografa-do-cangaço.htm> - Acesso em 11/01/2020 a 01:12 horas

Está claro que o maior problema com relação às mulheres era a gravidez que quase sempre era indesejada, quando isso ocorria normalmente praticavam o aborto, quando não era possível eram forçados a entregar a criança para parentes ou aliados que se encarregavam de cria-los.

---

<sup>21</sup> Representava a forma carinhosa como Lampião se dirigia a sua companheira

## CAPÍTULO V

### A VIDA RELIGIOSA DOS CANGACEIRO

É de admirar a religiosidade dentro do cangaço, principalmente no bando de Lampião com exceção apenas de um fato que ocorreu com o cangaceiro Silvino que após sua prisão virou Protestante na cadeia;

Silvino cumpriu 28 anos de sua pena, período em que era visitado regularmente por sua mulher Tita. Na prisão foi sempre bem comportado, mantendo distância dos “presos comuns” e se convertendo ao Protestantismo. Foi finalmente indultado por Getúlio Vargas, que ainda ordenou que se lhe desse um emprego. (Dória 1982 p 58)

Como exercer a prática religiosa em meio a tanta violência? Essa questão me intrigou por algum tempo, os cangaceiros rezavam, carregavam consigo amuletos de todas as espécies e tinham uma extrema reverência por esses objetos considerados por eles como sagrados, conta alguns escritores que no momento do ataque em Angicos, Lampião se encontrava rezando em um canto, era habito dos cangaceiros se reunirem em grupos e fazerem suas orações, normalmente se reuniam desta forma duas ou três vezes ao dia principalmente quando montavam acampamento.

Havia um código de conduta elaborado a partir de credices e superstições que desestimulava o sexo em algumas ocasiões: por exemplo, às sextas-feiras e em vésperas de mudanças. Também estabelecia a dedicação ao sexo apenas quando a situação se mostrasse segura – antes da relação, em respeito ao Todo Poderoso, os cangaceiros tiravam os colares com saquinhos nos quais carregavam orações para santos escritas em pequenos pedaços de papel. Desse modo, ficavam desprotegidos, ou com o “corpo aberto”.

<https://istoe.com.br/adriana-negreiros-maria-bonita-foi-uma-mulher-empoderada/>  
acesso em 11/01/2020 às 02:12 hs

Lampião era extremamente devoto de Padre Cícero, de tal forma que tinha grande estima pelo Estado do Ceará, não só por padre Cícero, mas muitos outros santos eram reverenciados pelos cangaceiros, sabemos que o catolicismo romano sempre foi predominante no sertão nordestino, isso acontece até os dias de hoje, se viajarmos por cidades sertanejas encontramos em quase todas, bustos dos mais variados “santos” principalmente de padre Cícero que influenciou a vida de milhares de

sertanejos, tendo uma maior aceitação nas comunidades mais pobres, ao analisarmos a situação como um todo descobrimos que se trata de uma questão cultural, pois como se sabe, desde a época da colonização nosso país foi educados aos moldes católico mediante os padres Jesuítas.

Em entrevista fornecida ao jornalista Otacílio Macedo no Ana de 1926, quando esteve em Juazeiro para receber sua patente de Capitão do Batalhão Exército Patriótico do Ceará intermediado por padre Cícero, assim comenta o jornalista Otacílio: “Em lá chegando, encontrei Virgulino sentado num tamborete, ladeado por seu estado maior... tomando cerveja quente e palestrando...” (Souza, 1995 p.71)

Sempre respeitei e continuo a respeitar o Estado do Ceará porque nele não tenho inimigo, nunca me fizeram mal e ainda porque é o Estado do Padre Cícero. Como se deve saber, tenho a maior veneração por esse sacerdote, porque é o protetor dos humildes e infelizes e, sobretudo, porque há anos protege as minhas irmãs que moram em Juazeiro. Tem sido para elas um verdadeiro pai. Convém dizer que eu ainda não conhecia pessoalmente o padre Cícero, pois essa é a primeira vez que venho a Juazeiro. (Souza, 1995 p. 31)

Percebemos ainda que esse principio religioso não era algo que alimentasse uma esperança de uma vida melhor do outro lado (depois da morte) praticavam mais como um amparo contra os inimigos presentes, que não eram poucos, desta vida aqui mesmo, afirmavam que tinham o corpo fechado.

## CONCLUSÃO

Depois da morte de Lampião Maria Bonita e mais nove cangaceiros em Angicos, os bandoleiros que restaram ficaram atordoados, alguns se entregaram, outros foram mortos pelos volantes e alguns fugiram para se refugiar em outros Estados. Fica uma indagação: por que o cangaço demorou tanto tempo para se banido do sertão? por que permitiu-se tanta violência principalmente contra os pobres sertanejos que ficavam a mercê não só dos cangaceiros, mas das volantes que eram tão violentas quanto estes? pobres sertanejos, vítimas da injustiça social, pois não existia lei para os proteger, não tinham terra para produzir seus próprios alimentos, pois as terras pertencia aos grandes latifundiários denominados “coronéis”, que de certa forma alimentavam toda aquela injustiça social acoitando esses bandoleiros dando-lhes condições de sobrevivência, em troca recebiam proteção por parte dos cangaceiro, podemos dizer que essa pobre gente vivia entre a cruz e o punhal. Seria as forças estaduais e até nacionais insuficientes para combater esses fora da lei? Ao analisar a história como um todo podemos perceber que havia um certo jogo político, ainda que os cangaceiros nunca tiveram pretensões políticas, foram usados também como cobaias dos “grandes” que se encontravam no poder não só dos Estados, mas do próprio Governo Federal.

Trago esse questionamento, fazendo uma análise da real conjuntura política da época. Gostaria de mencionar a guerra de Canudos Final do século XIX e início do século XX quando sertanejos revoltados se reuniram em torno de um líder religioso por nome Antonio Conselheiro, esse fato se deu no Sertão da Bahia, onde o governo depois de algumas tentativas, usando todo aparato bélico que possuía assassinou mais de quinze mil sertanejos de uma só vez, poderia ter evitado essa gigantesca chacina se providências tivessem sido tomadas com antecedência.

A manutenção do cangaço não seria uma maneira de manter essa gente nos eixos? digo isso baseado no princípio do “mal necessário”, ou seja, permitir até a chegada de um novo regime tipo “ditatorial” onde não haverá espaço para revoltosos. Por que no ano de 1926 Lampião fora procurado por agentes do governo para combater a coluna prestes na sua possível passagem pelo Nordeste protestando contra o governo, foi-lhe até oferecido uma suposta patente de capitão do exercito patriota do Ceará, recebendo armas e munições do próprio governo, é com bases nesse e outros

fatos que trago meu questionamento. Só a partir de 1930 com a chegada da Nova República as coisas começariam mudar, o cangaço fora aos poucos perdendo forças até receber o golpe fatal em Angicos

No ano que antecedeu a morte de Lampião (julho de 1938) aconteceu uma mudança governamental sem precedentes no governo do Brasil, foi a chegada da chamado “Nova República”, 1937 Getúlio Vargas por meio de um golpe muda toda estrutura do governo criando uma nova constituição permanecendo no poder por mais nove anos, agora com essa nova forma de governar não haveria mais espaço para as práticas cangaceiristas. Com a nova constituição elaborada Getúlio recebe poderes quase que absolutos, esse período fora caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo e autoritarismo essa é a parte da história conhecida como Era Vargas, o Nordeste agora sim, seria alvo do governo federal (o que deveria ter sido desde o inicio) finalmente, no dia 28 de julho de 1938 Lampião foi eliminado, já não havia mais espaço para essa gente, o sertão agora podia respirar aliviado, um novo regime chegou, o cangaço não era mais necessário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boulos, Alfredo Junior. **História Sociedade & Cidadania – Estado: São Paulo - Editora Aribar** (edição 2019)

Britto, Paulo – “O cangaço e as volantes” **Lampião e Tenente Bezerra**, (2ª edição Recife: Edição do Autor (2007)

Diégues Junior, Manoel - **O Banguê nas Alagoas**. Maceió: Edufal. 3ª edição (2006)

Dória, Carlos Alberto - **O Cangaço**. São Paulo: editora brasiliense (1981)

**Especial, Há 80 anos bando de Lampião era trucidado por volantes Alagoana**, In Tribuna do Sertão. Edição Especial (Palmeira dos Índios,) 2018 ( 23 de julho, edição semanal nº 1054)

Facó, Rui - **Cangaceiros e Fanáticos**, Estado: Rio de Janeiro - Editora: Civilização Brasileira 1983 (2012)

Fernandes, Raul – **A marcha de Lampião: Assalto à Mossoró**, 2ª edição, Natal Editora Universitária 1982

Medeiros, Antônio Américo de, **Lampião e sua História contada em Cordel: Literatura de Cordel Estado\*\*\*\*\*** Edição do Autor s.d.Mello, Frederico Pernambucano de ( 2014)

Rodrigues, Rosiane – **Piranhas**, retrato de uma cidade, Edição Catavento, 1999

**Na trilha do Cangaço**, In Diário de Pernambuco Recife, 2008 ( 28 de julho)

Souza, Anildomá Willans de – **Lampião o Comandante das Caatingas**, Serra Talhada Edição do Autor 1ª edição 1995

Teixeira, Davi – **A aventura de Lampião no inferno**, literatura de Cordel Estado: Pernambuco- Edição do Autor s.d.